

Cinema nacional vive novamente momento crítico

por Manoel Rangel

A recente publicação pela revista *Veja* de mais uma reportagem furiosa contra o cinema brasileiro escancarou a crise do atual regime de produção cinematográfica, todo ele apoiado nos incentivos fiscais.

Falar sobre a *Veja* é gastar chumbo com cachorro morto. Apesar da sua importância no mercado editorial, a revista não esconde seu ponto de partida contra o cinema brasileiro, mesmo quando o jornalista Celso Masson tenta passar por bom moço, dizendo alertar o governo para a corrupção em certas produções.

Mas, então, por que a reportagem de *Veja*, além de provocar a justa indignação dos cineastas, ecoou por toda a mídia, pela comunidade cinematográfica e pelo governo? Talvez por que ela soe como a pá de cal sobre um regime de produção que, apesar do êxito relativo, se tornou insustentável após o desaparecimento das grandes estatais brasileiras, fazendo até mesmo seus idealizadores, como Luiz Carlos Barreto, reclamar da atual cena. Talvez porque as seguidas reportagens de *Veja* indiquem uma luta surda que segue sendo travada: a importância da existência ou não de um cinema brasileiro.

Troca de papéis

À reportagem seguiram-se uma saraivada de artigos e entrevistas que buscam ao mesmo tempo rebater o seu dano e refletir sobre os impasses do momento. O debate é rico, mas seus pressupostos estão malpostos.

Algumas das opiniões que vão sendo expressas tendem a apontar o cineasta e o produtor cinematográfico como uma vítima do sistema. É o que diz Paulo Thiago em recente artigo para a *Folha de S. Paulo*: "(...) **nessa mesma República dos incentivos fiscais permanecem acima de qualquer suspeita os intermediários negociastas, as poderosas fundações públicas e privadas, os maus empresários que propõe os rebates e recompras dos incentivos aos produtores, os falsários que emitem notas frias, e todos os outros setores apoiados por incentivos, sobre os quais não se vê uma linha na mídia.**"

Em seu texto, onde além da defesa de Norma Bengell, lamenta a ausência do verdadeiro debate – o cultural – na atual cena cinematográfica, Paulo Thiago ensaia uma certa crítica ao regime dos incentivos fiscais, reivindicando um projeto cultural e político para o cinema brasileiro que se realize agressivamente e às claras, como o fazem França e Espanha.

Entretanto, Paulo Thiago esquece de dizer que os realizadores brasileiros, em especial os que mais têm reclamado, antes de serem vítimas foram os artífices da Lei do Audiovisual, utilizando um momento favorável à rearticulação de uma política cinematográfica para o país (o governo Itamar) para estabelecer um mecanismo que lhes trouxesse recursos para a produção, mas, ao mesmo tempo, os deixasse completamente livres de prestar contas a quem quer que fosse sobre a forma como o dinheiro seria gasto.

A fundo perdido

Com a Lei do Audiovisual difundiu-se a falácia de que o cinema brasileiro passava a ser financiado diretamente pelo mercado. Passou-se a buscar deliberadamente a mágica pela qual Imposto de Renda devido não é dinheiro público. Escondeu-se, inclusive, que o maior patrocinador dos filmes foi o Imposto de Renda das empresas estatais, dinheiro público duas vezes. Tudo sem que o Estado tivesse direito ao eventual retorno de bilheteria dos filmes, que tinha quando a Embrafilme estava em funcionamento; ou seja, dinheiro público e a fundo perdido, como nunca havia existido antes.



Ghost Dog

o caminho do Samurai.

por Maurício Hirata F.

Jim Jarmursh vem se afirmando como um dos diretores norte-americanos mais interessantes da atualidade. Seus dois últimos filmes, *Dead Man* e *Ghost Dog* são exemplos do que de melhor se realizou no cinema americano recente. Diferente de seus compatriotas “independentes”, mais afeitos ao humor rápido e a discussões superficiais sobre liberdade sexual, Jarmursh prefere ir a fundo na sociedade americana e descobrir o que se passa no íntimo daqueles que a formam. Curiosamente, o que ele encontra lá não é revolta, raiva, ou muito menos felicidade. O que Jarmursh nos apresenta são personagens perdidos, melancólicos e deslocados.

William Blake, personagem principal de *Dead Man*, é um claro exemplo disto. Ele é a mais sincera representação do americano comum. Família morta, abandonado pela mulher, vaga desorientado pelo Velho Oeste, sem entender o que se passa à sua volta. Em um lugar onde o bem e o mal sempre foram claros, nada para ele faz qualquer sentido. Sua vida não

possui nenhuma direção, e tudo que lhe resta é esperar a morte.

O Velho Oeste apresentado em *Dead Man* não é o lugar do heroísmo, dos self-made men que construíram a nação americana. É um lugar patético, em que cowboys não passam de psicopatas canibais, desbravadores são homossexuais malucos, e prostitutas sonham em vender flores de papel. Para Jarmursh não há mais romantismo possível, a realidade é cômica e ridícula e aqueles que tentam torná-la mais clara (como Ecsebeche, o índio que acompanha William Blake) são expulsos e chamados de mentirosos.

Ghost Dog, por sua vez, é uma divagação sobre os valores éticos e morais neste fim de milênio, encenada na forma de um confronto tão absurdo quanto representativo da condição atual dos EUA.

De um lado, a máfia italiana. Mas não aquela dos gloriosos tempos de Don Corleone, em que um favor era um compromisso de vida. A máfia de Jarmursh é decadente e ridícula, jogada de lado pelo sistema que outrora controlava e ao qual, agora, deve até o dinheiro do

aluguel. Uma máfia cujas tradições se deterioraram e que, apesar de assassina, precisa de hipoglós para evitar assaduras. Uma máfia de caprichos e covardias, incapaz de honrar seus próprios compromissos e recompensar seus homens.

Do outro lado, *Ghost Dog*. Um negro solitário, rejeitado pela sociedade, que encontrou abrigo em uma filosofia milenar sem conexão alguma com suas próprias tradições. O exemplo de uma possível fusão cultural, mas que por essa mesma razão se encontra deslocado em uma cidade cujas culturas se esfaqueiam e não se mesclam. Um reflexo melancólico daqueles que ainda buscam valores como honra e fidelidade.

O cenário é Nova Iorque. Uma cidade multi cultural, multi étnica e multi lingüística. Uma cidade tão heterogênea, que é impossível criar homogeneidade. Onde a busca frenética por individualidade gerou pessoas tão particulares que se fecham em seus próprios universos, sem portas de comunicação.

O resultado do confronto é o massacre da honra frente à covar-

dia das tradições decadentes da América de Tio Sam. A punição do Samurai anacrônico, vitimado por sua obsessão com seu próprio código de ética.

A visão de Jim Jarmursh só não é completamente pessimista devido à presença da menina, aquela que irá seguir os ensinamentos de Ghost Dog e, quem sabe, aprenderá a viver valores menos mesquinhos do que os do mundo que a cerca.

Assim, *Dead Man* e *Ghost Dog* se complementam. Enquanto o primeiro é a trágica e, ao mesmo tempo, patética história de um homem perdido em um mundo que não compreende, o segundo é a história de um homem que compreendeu este mundo e se negou a seguir suas regras, o que não o impediu de chegar ao mesmo fim.

